

A narrativa construída na TV Brasil: uma análise do programa *Brasilianas.org*¹

Allana MEIRELLES²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Inserido em um projeto de pesquisa realizado desde 2010 no Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais da UFJF - que tem como objetivo avaliar a programação jornalística na TV Brasil -, este artigo analisa a narrativa que é construída pelo programa *Brasilianas.org* e de que maneira ela se diferencia do discurso estabelecido historicamente pelos veículos jornalísticos, tanto sobre si como sobre a realidade. Considerando o fato de que a imprensa surgiu em um contexto de ascensão da burguesia, calcada nos princípios liberais, parte-se da hipótese de que uma mídia que não seja comercial possa apresentar ideologias diferentes. A metodologia se constitui de leituras bibliográficas sobre narrativa jornalística, assim como da análise de dois episódios do *Brasilianas.org*: um que discute os caminhos da política macroeconômica brasileira e outro sobre os modelos alternativos de comunicação.

Palavras-chave: Narrativa; TV pública; TV Brasil; *Brasilianas.org*.

Introdução

Com a proposta de oferecer uma complementação ao sistema de radiodifusão brasileiro, foi criada em 2007, a Empresa Brasil de Comunicação e a emissora TV Brasil. Inserida em um contexto de hegemonia do modelo comercial de jornalismo e de concentração dos meios de comunicação, a TV Brasil se apresenta como uma emissora pública.

Porém, a empresa ainda não atingiu sua legitimidade social como um canal de TV de fato público, já que ainda não é (re)conhecida como tal. Por um lado, a grande mídia exclui qualquer possibilidade de constituição deste espaço, baseada em um discurso de autointeresse e calcado em uma ideologia liberal³. Por outro, mesmo as instituições engajadas nas questões da democratização da comunicação, compreendem que a TV Brasil

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom- UFJF). allanameirelles@hotmail.com.

³ Este posicionamento em relação à TV Brasil por parte da grande mídia foi analisado em um artigo publicado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, em 2012, intitulado “A imagem construída sobre a TV Brasil: uma análise do discurso feito pela grande mídia brasileira sobre a televisão pública do país” e escrito por Allana Meirelles, Roberta Braga e Iluska Coutinho.

ainda está em processo de desenvolvimento, devido à sua recente criação, e que o projeto de comunicação pública ainda está em construção. Por fim, esta legitimidade não pode ser afirmada, se o sinal da televisão ainda chega a poucos lugares e se o canal ainda é muito pouco conhecido pela população. Assim, justifica-se a discussão sobre esta emissora, a fim de contribuir na construção de uma televisão de fato pública, que seja representativa e que se configure como um espaço de debate público.

A emissora, gerida pela EBC, é financiada pelo repasse de verba do Governo Federal e apresenta condições estruturais que limitam em certa medida a sua autonomia. A mistura de atribuições públicas e governamentais da EBC (já que ela também é responsável pela produção de programas da Secretaria de Comunicação do Governo Federal) e a escolha de cargos de confiança pela Presidência da República acabam gerando questionamentos em relação a sua independência. Por outro lado, a existência de órgãos de fiscalização como o Conselho Curador e a Ouvidoria, além de diálogos promovidos com universidades e a sociedade civil organizada, contribuem para manter um certo nível de autonomia.

No âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais da Universidade Federal de Juiz de Fora, vem sendo desenvolvidas pesquisas sobre a TV Brasil, desde 2010, a fim de se avaliar o cumprimento do papel público e do direito à comunicação neste canal. Sobre diferentes pontos de vista, a autonomia e o exercício do dever público têm sido analisados na emissora.

Como parte desta pesquisa macro, pretende-se neste artigo analisar em que medida a narrativa produzida por um programa da TV Brasil se diferencia daquela construída historicamente pela imprensa e pelos meios de comunicação de massa. Considerando que estes se baseiam na ideologia liberal e tem sua origem relacionada à ascensão da burguesia, parte-se da hipótese de que em um veículo de comunicação público, a defesa deste ideário, pelo menos, não seja unívoco, possibilitando a expressão de outras ideologias políticas e socioeconômicas.

Diante destas pontuações, a metodologia deste trabalho em particular foi a de leituras bibliográficas sobre a narrativa que o jornalismo construiu sobre si mesmo historicamente e a análise do produto midiático da TV Brasil, o programa “Brasilianas.org”. Como não é possível analisar toda a programação da TV Brasil neste artigo em específico, a fim de se chegar a conclusões mais gerais, optou-se por adotar a análise de um programa de debates, no qual é possível verificar a defesa de certos posicionamentos de maneira mais clara.

O “Brasilianas.org” é exibido às segundas-feiras, das 20h às 21h e apresentado pelo jornalista Luis Nassif. Segundo a descrição do programa no site da TV Brasil, ele tem como proposta analisar “as políticas públicas que afetam a vida de todos brasileiros” e promover debates “sobre temas importantes que estimulam o espírito de cidadania e ajudam na formação do espírito crítico dos cidadãos” (BRASILIANAS.ORG - TV). Além de ser um produto televisivo, o *Brasilianas.org* também tem uma página na Internet, pela qual é possível participar do episódio sugerindo perguntas e onde são publicados diversos artigos. De acordo com a apresentação do blog, “o objetivo do *Brasilianas.org* é ser um aglutinador das principais discussões públicas em pauta no país, pensando no desenvolvimento nacional e no papel de cada agente social nesse processo.” (BRASILIANAS.ORG - SITE).

Para a análise, foram selecionados dois episódios de cerca de 50 minutos, nos quais é possível verificar discussões que perpassam a narrativa da produção jornalística e que pode ou não confirmar a ideologia liberal, presente com frequência no jornalismo comercial. Assim, os objetos de análise são um programa que discute modelos alternativos de comunicação e outro sobre os caminhos da política macroeconômica no Brasil. O recorte não é suficiente para fazer conclusões gerais e fechadas, porém pode revelar indícios sobre o posicionamento ideológico do programa, nos sentidos analisados, assim como oferecer elementos para a reflexão da construção do lugar da TV Brasil.

A narrativa do jornalismo

Além de narrar o mundo, o jornalismo acaba construindo também narrativas sobre si mesmo. Ao tomar para si o lugar de narrador da realidade, ele está produzindo também a sua imagem e a sua narrativa. Nesse sentido, é importante ter como base a perspectiva de que a linguagem, como vista por Bakhtin (apud RIBEIRO e SACRAMENTO, 2010), é uma prática social, inserida na história e nos sujeitos. Sendo assim, o texto não tem um significado fixo, mas oferece um processo dialógico, onde o meio interfere nos sentidos. Além disso, estabelece-se também um diálogo entre o sujeito e a alteridade. Dessa maneira, a narrativa não pode ser considerada fora do contexto cultural e social na qual se insere. Portanto, para se pensar as narrativas construídas pelo jornalismo, é necessário também analisar o contexto no qual ele se insere.

Como explica Muniz Sodré (2009/2012), a imprensa, desde seu surgimento na transição do Estado absoluto para o Estado de direito, colocou-se como porta-voz dos direitos civis, defendendo a liberdade de expressão – até então, uma “novidade ideológica”.

Por outro lado, essa mesma imprensa manteve o mito, ao construir “uma narrativa sobre si mesma como entidade mítica que administra a verdade dos fatos sociais, e mais, a retórica encantatória na narração fragmentária sobre a atualidade” (SODRÉ, 2009/2012, p.12).

Assim, Sodré defende que o jornalismo é ideológico em mais de um sentido. Segundo ele, na modernidade, houve uma transição da “ilusão mítica” – que seria “a mediação realizada pelo homem da Antiguidade”, a qual seria responsável por narrar a realidade - para a “ilusão metafísica” - chamada de ideologia por Karl Marx. Assim, Sodré, apresenta dois sentidos para o conceito de ideologia: de um lado, é “a luta discursiva que se trava para decidir quem domina”; de outro, “uma força de integração social” (SODRÉ, 2009/2012, p.10).

Nesse sentido, a imprensa seria ideológica, já que sua origem está calcada na ascensão da classe burguesa, assim como no pensamento iluminista de defesa da racionalidade e do discurso esclarecido, no qual a legitimidade da fala viria não do lugar privilegiado do enunciador, mas desta racionalidade. E assim, paradoxalmente, a imprensa ocidental toma para si o papel de defesa destes ideais, ao mesmo tempo, em que se coloca como sendo um espaço prioritário de discussão pública e que, muitas vezes, constrói narrativas carregadas de emoção sem de fato uma reflexão crítica e racional. A partir da construção deste imaginário de esfera pública prioritária, pode-se perceber que este discurso acaba inclusive sendo legitimado socialmente, de modo que os cidadãos, muitas vezes, relegam à mídia a tarefa de debater e de narrar a realidade.

Porém, como Habermas defendeu em “Mudança estrutural da esfera pública” (1962/2003), a apropriação privada dos meios de comunicação – principalmente, da TV e do rádio, que ampliam o acesso – fez com que este espaço perdesse o seu potencial de ser efetivamente um lugar de discussão pública. E assim, os interesses comerciais acabam sendo privilegiados em relação a outros, ainda que “a ideologia da transparência pública” (SODRÉ, 2009/2012) se mantenha como o mito do jornalismo. Segundo o autor, “a busca de uma transparência discursiva ou ideológica, mas apoiada nas opacidades de seu próprio mito, é a ambivalência constitutiva do jornalismo” (SODRÉ, 2009/2012, p.13).

Assim, por mais que se construa um discurso de objetividade, neutralidade, independência, defesa dos direitos civis etc., o jornalismo carrega consigo a ideologia liberal da burguesia, como explica Sodré:

No entanto, a mitologia do liberalismo continua acompanhando a clarificação ideológica do poder. Esta tarefa, continuamente levada a cabo pela imprensa, tem requerido mitos progressistas capazes de encobrir o jogo de poder que preside à constituição do discurso jornalístico: toda uma parafernália de formas

de homogeneização dos discursos sociais e de edição dos acontecimentos a partir da mesma cultura eurocêntrica e colonial inerente ao nascimento da imprensa moderna. Podem variar as perspectivas ou os pontos de vista, mas a forma – a ideologia, no limite – assumida pela imprensa industrial como a conhecemos é universalmente burguesa e europeia, tecnicamente aperfeiçoada pelos norte-americanos. Por isto, dessa mesma imprensa politicamente comprometida com o *status quo* universal, sempre partiram diretivas técnicas de modernização no tratamento dos fatos. (SODRÉ, 2009/2012, p.13-14).

Atualmente, porém, esse lugar do jornalismo como sendo “a narrativa” vem sendo questionado, como se pôde observar nas manifestações de junho de 2013, no Brasil. Há uma disputa entre a narrativa universal da grande mídia e as micronarrativas produzidas nas novas mídias. E assim, criam-se novos mitos, como o da Internet sendo considerada um espaço livre e sem hierarquias na divulgação de ideias e informações.

De fato, o desenvolvimento destas novas tecnologias apresentam possibilidades de reorganização do sistema de comunicação e de ampliação do acesso, não apenas à recepção dos conteúdos, mas, principalmente, à sua produção. Porém, como defende Sodré (2009/2012, p.123), ainda não é possível afirmar se “a internet e as novas tecnologias digitais serão algo mais do que meros vestígios da velha liberdade de imprensa” (SODRÉ, 2009/2012, p.123). Como ele explica, estas transformações estão ligadas às mudanças econômicas e ideológicas do capitalismo contemporâneo.

A tudo isto corresponde uma formação ideológica amplamente conhecida como “neoliberalismo”, cuja crescente hegemonia se empenha em disfarçar as desigualdades sociais por meio da circulação acelerada, e pretensamente democrática, de objetos de consumo. A informação pública é um desses objetos. E uma nova forma de individualismo (um “neindividualismo”) reveste a propalada autonomia do consumidor. (SODRÉ, 2009/2012, p.105).

Dessa maneira, a internet também está a serviço do capitalismo e pode, como os meios de comunicação de massa, perder seu potencial de espaço público de discussão capaz de promover uma democracia fortalecida ao privilegiar outros interesses que não seja o público. Mas, partindo de uma perspectiva não determinística, como defendida por Williams (1974/2011), não são os meios que determinarão os efeitos, mas sim o uso social que se faz deles. Da mesma maneira que o fetichismo tecnológico em relação à Internet coloca-a como um meio democratizante e libertador sem levar em conta o seu uso ideológico pelo capitalismo, a visão de que ela é apenas mais um instrumento de opressão exclui as potencialidades de uso alternativo. E essa visão é válida também para outros veículos. A televisão se tornou um “instrumento de opressão simbólica”, como afirmou

Bourdieu (1996/1997), não porque a técnica determinou isto, mas sim devido à apropriação mercadológica feita no contexto capitalista.

Assim, a possibilidade de uma comunicação pública efetiva, em diferentes meios, pode ser considerada um caminho para o desenvolvimento deste espaço público e de uma democratização dos meios de comunicação. Discutir em que medida os veículos que se dizem público de fato cumprem com seus compromissos e oferecem um espaço alternativo, pode contribuir para se pensar uma superação desta realidade dos meios de comunicação no Brasil.

Diante destas considerações, busca-se neste artigo refletir em que medida o jornalismo produzido pela televisão pública brasileira, a TV Brasil, reafirma ou reconstrói a narrativa feita pelo jornalismo industrial e comercial. Durante a pesquisa macro, iniciada em 2010, foram feitas análises quali-quantitativas sistemáticas do telejornal da TV Brasil, o Repórter Brasil, assim como de outros programas, como o Jornal Visual, o Caminhos da Reportagem, o Público na TV, o Observatório da Imprensa, o 3 a 1 e o próprio *Brasilianas.org*, entre outros, que resultaram em diversos artigos científicos e no livro “A Informação na TV pública”. Nestas observações continuadas do telejornalismo da TV Brasil, foi possível perceber tentativas de diálogo com a sociedade civil, assim como um certo nível de diferenciação dos conteúdos, a partir da valorização de uma pluralidade – seja de temas, vozes ouvidas ou locais de produção -, embora ainda seja necessário avançar nestes aspectos e ainda se perceba uma proximidade com o modelo comercial de jornalismo.

Desta maneira, este artigo ao mesmo tempo em que atualiza também amplia as considerações feitas pelos estudos realizados até então, já que propõe a análise do posicionamento construído pelo *Brasilianas.org*, a partir das narrativas construídas acerca da ideologia econômica e dos meios alternativos de comunicação. O programa, apresentado pelo jornalista Luís Nassif, é transmitido desde 2010 e vai ao ar às segundas-feiras das 20h às 21h. Com a proposta de discutir temas que estimulam o senso crítico e a cidadania, o *Brasilianas.org* aborda assuntos como “infraestrutura, saúde, educação, habitação, tecnologia, artes, política”, como afirmado em sua descrição no site da TV Brasil (BRASILIANAS.ORG – TV). Geralmente, dois convidados participam do debate no estúdio principal, enquanto um terceiro colabora à distância, através de uma tela. Além disso, um jornalista fica responsável por coletar perguntas dos telespectadores ao longo do programa, estabelecendo, assim, uma forma de interatividade.

Episódio sobre a política macroeconômica brasileira

No dia 03 de fevereiro de 2014, o *Brasilianas.org* exibiu um episódio sobre “Os Caminhos da Política Macroeconômica Brasileira”, com os seguintes convidados: o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, assessor econômico e secretário de política econômica do Ministério da Fazenda no governo de José Sarney (1985-1987), consultor pessoal de economia do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Conselho Curador da EBC e que se autodenomina um economista heterodoxo; o economista José Luis Oreiro, diretor de relações institucionais da Associação Keynesiana Brasileira e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e o economista Paulo Tenani, especialista em mercado financeiro e premiado por quatro anos consecutivos como o melhor analista de câmbio do Brasil, pela Revista Investidor Institucional.

O programa teve a predominância da fala do economista Luiz Gonzaga Belluzzo. Por um lado, a participação de José Luis Oreiro foi prejudicada por um problema técnico, já que ele estava em outro estúdio (no Rio de Janeiro) e o sinal não chegava; por outro, Paulo Tenani foi questionado com menos frequência pelo apresentador, mesmo estando no mesmo estúdio que ele e Belluzzo.

O jornalista, Luis Nassif, inicia o programa com o seguinte texto:

Boa noite. Na política econômica, muitas vezes, a palavra é mais eficiente que a caneta. Como o mercado se move por expectativas e a defasagem entre as medidas econômicas e os resultados, é o discurso que mantém as expectativas coesas antes que as mudanças apareçam. O mercado financeiro desenvolveu mecanismos de operações futuras capazes de radicalizar qualquer movimento de expectativas, seja para cima, seja para baixo. A esse quadro, soma-se o ativismo da mídia, radicalizando cada movimento negativo. Tudo isso aumenta a importância da interlocução competente com o mercado e da racionalidade das medidas econômicas, de saber explicar logicamente o que você pretende alcançar mais à frente. O programa *Brasilianas.org* desta noite vai analisar o modelo Dilma Rousseff na economia, seus acertos e erros. (...) (NASSIF, 2014).

Já no começo do episódio, o apresentador marca certo posicionamento ao afirmar que o ativismo da mídia radicaliza os movimentos negativos, fazendo uma crítica à influência do jornalismo nos rumos econômicos. Da mesma maneira, ao iniciar o texto dizendo que a “palavra é mais eficiente que a caneta”, Nassif reconhece o poder do discurso e coloca para este a maior carga de responsabilidade sobre as mudanças econômicas. Em um outro momento ele reafirma esta ideia, ao dizer que: “Ou seja, a ideologia define a expectativa que acaba influenciando nos ativos.” (NASSIF, 2014).

Por outro lado, o entrevistado Luiz Gonzaga Belluzzo diz em um momento que a realização de mudanças na política macroeconômica depende da capacidade de

desempenhar um poder, o qual é exercido através dos jornalistas. Em resposta, Nassif complementa: “Pelos pessoas que usam o economista como fonte” (NASSIF, 2014). Assim, de certa maneira, divide a responsabilidade dos repórteres com os especialistas em economia.

Quanto ao posicionamento em relação à economia, a narrativa que emerge deste episódio é de que os problemas econômicos contemporâneos ao programa estavam mais relacionados a questões estruturais do que conjunturais e, dessa maneira, a culpa não deveria ser atribuída à presidente Dilma Rousseff. Ainda assim, há críticas sobre a condução das políticas econômicas, no governo Dilma, relacionadas à falta de definição de prioridades, critérios e rumos. Estas defesas ficam claras na seguinte fala do economista José Luis Oreiro:

Durante os mandatos do presidente Lula, o Brasil cresceu em média 4%. De 2011 para frente, nosso crescimento é inferior a 3%. Eu não vejo como um simples problema de mensuração do PIB possa explicar este desempenho mais pífio da economia. Eu acho que é um problema fundamentalmente estrutural, com alguns agravantes produzidos pela falta de norte na condução da política macroeconômica. (OREIRO, 2014).

Há também uma narrativa predominante de defesa da intervenção estatal na economia. O entrevistado Luiz Gonzaga Belluzzo, por exemplo, faz a seguinte afirmação: “Essa ideia peregrina, tola de que você pode ter capitalismo sem estado. Realmente, em nenhum lugar sério, você pode aceitar esta ponderação, digamos assim”. (BELLUZZO, 2014). Além disso, ele critica um economista que defendera a redução dos programas sociais a fim de se combater a inflação. Segundo ele, deveria se pensar em aumentar a tributação sobre os que têm renda e patrimônios maiores.

Também foram feitas críticas ao desmonte do Estado brasileiro, em uma referência implícita às privatizações realizadas no governo do Fernando Henrique Cardoso. Mais do que isso, Luis Nassif faz uma brincadeira em relação à falha na comunicação com o economista keynesiano, José Luis Oreiro, dizendo a seguinte frase: “Acho que algum sinal neoliberal está atrapalhando o keynesianismo aí...” (NASSIF, 2014). Dessa maneira, se apresenta irônico em relação a esta ideologia. Assim, a narrativa que se apresenta é contrária ao ideal do Estado mínimo, defesa do liberalismo econômico.

Outro ponto recorrente no debate se relaciona à questão cambial, já que eles consideram a valorização do câmbio no Brasil – nos últimos 20 anos – um prejudicial à competitividade da indústria brasileira e ao fomento da inovação. Nesta questão, utilizam como exemplo a China, que estabilizou o câmbio através de intervenções em vez de mantê-

lo flutuante, apesar das críticas de países como os Estados Unidos. Assim, mais uma vez, demonstram a defesa de um Estado mais intervencionista e de uma proteção da economia doméstica.

Além disso, os entrevistados falam sobre o problema da desindustrialização no Brasil, considerando-a a maior causa para a desaceleração do crescimento econômico. Assim, propõem uma política de moderação salarial através de parcerias entre governo, sindicatos e empresários, a fim de que os salários não aumentem desproporcionalmente em relação à produtividade e não prejudiquem a competitividade da indústria brasileira. Para justificar esta ideia utilizam os exemplos de países europeus, nas décadas de 1950 e 1960, nas quais se recuperaram do pós Segunda Guerra Mundial e cresceram, a partir dos pactos sociais, com a participação de sindicatos e partidos de esquerda.

Considerando a perspectiva da “Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro” (COUTINHO, 2003), cada fonte teria um papel na construção da notícia.

Entre os papéis que poderíamos chamar de essenciais ou fundamentais nas narrativas analisadas estão os de: mocinho, vilão, herói, vítima, expert, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e ainda o de “musa” ou troféu em disputa. Há ainda algumas variações destes papéis tipo padrão, que seriam os de vilão implícito; neomocinhos ou vilões regenerados/arrepentidos; fiscais ou defensores; beneficiados/ favorecidos e ainda o personagem misterioso ou radical. (COUTINHO, I., 2003, p.149).

Da mesma forma, no programa de debate, podemos observar o desempenho de alguns papéis pelos entrevistados, assim como pelo próprio apresentador. Se o jornalista Luis Nassif ocupa o papel de mediador, os entrevistados são os experts, capazes de explicar o mundo, ocupando em alguns momentos, o papel também de fiscais ou defensores.

Por fim, também emerge deste programa, além das outras narrativas citadas acima, um discurso de defesa dos programas sociais e dos benefícios dados aos mais pobres, e uma tributação maior dos mais ricos, a fim de se manter uma política fiscal equilibrada. Assim, o economista Belluzzo reconhece os avanços na diminuição das desigualdades salariais, mas apresenta uma realidade ainda de desigualdade de renda e patrimônio no Brasil.

Episódio sobre comunicação alternativa

No dia 19 de agosto de 2013, o Brazilianas.org apresentou um programa sobre os modelos alternativos de comunicação, com os seguintes convidados: Ivana Bentes, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ e pesquisadora da área; Claudio Prado, produtor cultural, teórico da contracultura e membro da rede Fora do

Eixo; e Bruno Torturra, jornalista do grupo Ninja. Na apresentação do episódio, o jornalista Luis Nassif justifica a presença dos três entrevistados, ao contar que sendo questionado sobre a ausência de alguém que fosse contrapor as ideias, ele afirmou que isso o público poderia encontrar “na Veja, na Carta Capital, na Folha de S. Paulo e no Estadão” (NASSIF, 2013). Dessa maneira, novamente, o apresentador confere ao seu programa um lugar diferencial em relação aos outros meios de comunicação.

Este lugar é reafirmado ao longo do programa. Nassif diz, por exemplo, que não vai entrar na questão das acusações feitas ao Fora do Eixo e à Mídia Ninja pelas publicações da imprensa, porque acha isso algo “medonho”. Posteriormente, se refere a uma capa de jornal que fazia acusações de que o Fora do Eixo tinha dívidas em um restaurante e diz que isso foi “ridículo”. Também cita o fato da grande mídia ter classificado como trabalho escravo o que a Mídia Ninja e o Fora do Eixo faziam com a classe média de São Paulo, enquanto ela não dá muita importância para os bolivianos que vêm trabalhar no Brasil sem visto.

Além disso, ao questionar a professora Ivana Bentes sobre o ensino de jornalismo e de comunicação, ele apresenta uma imagem desta prática, ao fazer a seguinte argumentação:

(...) o jornalismo tem a edição, o editor escolhe qual a matéria é importante. É algo muito arbitrário, a gente sabe disso, mas que ajudava a organizar a cabeça dos leitores. Chegava uma determinada hora, fechava o mundo, empacotava o mundo e entregava pronto para o leitor. Quando você tem um modelo que não tem a manchete, que não tem a definição do que é relevante, do que o editor considera relevante e tudo. Como trabalhar isso no âmbito das faculdades. O exercício do jornalismo passa a ser o que, já que você não tem a hierarquização da notícia mais? (NASSIF, 2013).

Nessa descrição, o jornalista faz uma narrativa sobre o trabalho jornalístico e a produção da notícia, ao mesmo tempo em que cria uma narrativa sobre si como profissional e sobre o seu programa como produto midiático. De certa maneira, ao narrar o jornalismo como algo externo, ele acaba marcando um posicionamento de observador e de diferencial, e não como parte dele.

O debate sobre os meios de comunicação alternativos acaba focado na Mídia Ninja e nas “novas” tecnologias (Internet, Redes Sociais, Smartphones), excluindo outras formas como, por exemplo, a própria televisão pública. E assim, a narrativa que emerge sobre essas tecnologias é de serem ferramentas revolucionárias, que modificam os modos de pensar, agir, além das relações sociais e da troca econômica. Como pode ser verificado no texto de abertura do episódio:

Boa noite. As redes sociais pavimentaram o terreno para o fortalecimento dos grupos de mídia independentes, ampliando a interação entre leitores, criadores e formadores de opinião. A popularização da Internet nos dias de hoje permite que novos atores entrem em cena para informar, divertir, questionar, fazer o contraponto, produzir arte e organizar movimentos. Por suas características, este novo mundo da Web estimula e abre as portas ao trabalho comunitário e participativo. O *Brasilianas.org* de hoje discute os modelos de mídia e de grupos alternativos. (NASSIF, 2013).

Há no discurso um fetichismo tecnológico e pouco questionamento das ideias apresentadas pelos entrevistados. A narrativa construída por eles é de uma mudança de realidade e emergência de um novo mundo. Claudio Prado, por exemplo, afirma que o mundo no qual um diploma garantiria um emprego eclodiu; Bruno Torturra fala da ideia comum dos integrantes do Fora do Eixo sobre o fato de que o mundo dado é obsoleto; Ivana Bentes defende uma crise no modelo de partido, sindicato, universidade e até mesmo de sociedade.

Além disso, apresenta-se o espaço da Internet como sendo sem hierarquias, livre, capaz de produzir discursos múltiplos, com produções de multidão e sem um público passivo. A professora Ivana Bentes discute também o ensino de jornalismo e a insistência das Universidades em ensinar um modelo padrão de linguagem, omitindo as subjetividades, quando na prática, são os profissionais mais subjetivos que ganham os maiores salários das redações. Ao ser questionada sobre como verificar a veracidade das informações, ela afirma que isso se dá por meio da confrontação de conteúdos na Internet, assim como através dos filtros feitos pelas pessoas que ganham reputação na rede – já que para ela, a edição dos conteúdos é feita não mais por meio de grandes empresas, mas de indivíduos que constroem um perfil de reputação a partir das informações interessantes que divulgam. Bentes afirma que acredita na “inteligência coletiva” e que, na sua opinião, “o caos se auto-organiza” (BENTES, 2013).

A professora defende também que a Mídia Ninja se diferencia dos meios tradicionais, pois vai além do jornalismo, sendo também uma mídia de causas e intervenções. Segundo ela, o critério a ser utilizado é o da comoção, criando interferências e ativando desejos. Do mesmo modo, fala-se da participação mais ativa do público, que durante as transmissões ao vivo feitas pela Mídia Ninja, por exemplo, contribuíram com comentários. E assim, ela acredita que há nestas produções ao vivo, uma estética da urgência, onde é possível ver o jornalista que leva bala de borracha e sofre, construindo uma narrativa para quem queria estar participando da manifestação.

Por fim, os entrevistados defendem que o Fora do Eixo, assim como a Mídia Ninja, são laboratórios em construção e que, portanto, são passíveis de erros. Assim, a Mídia Ninja ainda não tem um modelo de financiamento criado e as duas instituições são vistas como vulneráveis às mudanças cotidianas.

Diante destas considerações, o papel desempenhado pelo jornalista, neste episódio, foi o de mediador e também de defensor desta nova mídia. Já os entrevistados, além de serem os experts e defensores do assunto, ocuparam também um papel de heróis revolucionários.

Assim, em síntese, a narrativa construída no programa foi a de que há uma revolução no mundo em que vivemos e, principalmente, no jornalismo contemporâneo. Neste sentido, há uma defesa das novas mídias e da valorização da subjetividade, por meio de coberturas de mobilização, além da visão de que a Internet é um meio libertador.

Considerações finais

A partir da análise dos dois episódios do Brasilianas.org foi possível perceber que o jornalista, Luis Nassif, tenta marcar um posicionamento para si e para o seu programa, como sendo diferente em relação a outras produções jornalísticas. Ao fazer determinados comentários em relação ao jornalismo “tradicional” e a outras mídias, ele acaba construindo uma narrativa de observador e de crítico delas.

Além disso, ao convidar para o programa sobre modelos alternativos de comunicação, apenas pessoas que apresentavam visões positivas em relação à Mídia Ninja e ao poder da Internet, diferenciando-se, segundo o apresentador, de outros veículos de comunicação, ele tenta construir também uma imagem para o seu programa como o lugar onde é possível ver aquilo que não é debatido em outros meios. Em relação a ser um espaço de debate público, esse discurso está presente, inclusive, na descrição do programa e da página na Internet.

No programa sobre os caminhos da política macroeconômica do Brasil, foi possível perceber uma defesa da intervenção estatal na economia, tanto pelo apresentador como pelos entrevistados. Dessa forma, o discurso também se diferencia daquele visto historicamente na imprensa de defesa do liberalismo econômico e do Estado mínimo. Por outro lado, as discussões também se dão com base em uma economia de mercado, capitalista, industrial e globalizada. E, neste sentido, como afirmou Sodré, a ideologia, mesmo que em diferentes medidas, ainda se constrói com base nos ideais europeus – que

fica claro quando os integrantes do programa utilizam países europeus como exemplos – e baseado na burguesia – presente na defesa da industrialização, da inovação, etc.

A ideologia liberal também pode ser observada no discurso da professora Ivana Bentes, no episódio sobre modelos alternativos de comunicação. Quando ela diz que acredita na auto-organização do caos, ela se aproxima muito da defesa do liberalismo econômico: “laissez faire, laissez aller, laissez passer”. Além disso, silenciam-se as críticas ao poder do capital, ao não estabelecerem a discussão sobre a Internet e as novas mídias como ferramentas também de um mundo capitalistas, que podem inclusive reforçá-lo, ao mesmo tempo, que o contestam.

Neste sentido, a ausência de debates críticos sobre as defesas feitas pelos entrevistados também criou uma narrativa de fetichismo tecnológico. E assim, da mesma maneira que outras mídias, o programa se propõe um espaço de debate público, mas permanece criando mitos sobre si e sobre outras mídias.

De fato, é possível haver diferenciações e tentativas de estabelecer discussões novas e espaços de debate, como foi possível verificar no Brasilianas.org, ao levantar reflexões que não ganham a mesma relevância em outras mídias. Porém, ainda que seja uma emissora pública, não se pode pensá-la fora de um contexto social e cultural, o qual é baseado no capitalismo e na construção de mitos diariamente. Assim, o programa ao mesmo tempo em que se diferencia, ele também reforça e constrói mitos. Neste sentido, investir em diálogos mais efetivos com a sociedade civil, assim como na pluralidade de vozes, pode ser uma forma de possibilitar a emergência de narrativas diferenciadas.

A análise de dois episódios do programa não possibilita o estabelecimento de conclusões definitivas, mas evidencia aspectos de diferenciação e, ao mesmo tempo, de repetição. Neste sentido, não é possível esperar que haja apenas distanciamentos entre a emissora pública e o jornalismo comercial, considerando que eles se situam no mesmo contexto e que o modelo comercial de televisão e produção jornalística perpassa tanto o imaginário dos telespectadores como dos profissionais da área, já que este é o padrão hegemônico no país. Além disso, é preciso considerar que a televisão pública no Brasil ainda está em processo de construção.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **Os caminhos da política macroeconômica brasileira**. [03 de fevereiro de 2014]. *Brasilianas.org*.

BENTES, Ivana. **Modelos alternativos de comunicação**. [19 de agosto de 2013]. *Brasilianas.org*.

BOURDIEU, Pierre. (1996). **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASILIANAS.ORG - SITE. Disponível em: <http://advivo.com.br/>. Acesso em: julho de 2014.

BRASILIANAS.ORG - TV. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/brasilianas>. Acesso em: julho de 2014.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia no telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em televisão. 2003. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

HABERMAS, Jürgen. (1962). **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2003.

NASSIF, Luis. **Modelos alternativos de comunicação**. [19 de agosto de 2013]. *Brasilianas.org*.

NASSIF, Luis. **Os caminhos da política macroeconômica brasileira**. [03 de fevereiro de 2014]. *Brasilianas.org*.

OREIRO, José Luis. **Os caminhos da política macroeconômica brasileira**. [03 de fevereiro de 2014]. *Brasilianas.org*.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart & SACRAMENTO, Igor (orgs). **Mikhail Bakhtin**: Linguagem, Cultura e Mídia. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

SODRÉ, Muniz. (2009). **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WILLIAMS, Raymond. (1974). **Televisión**. Buenos Aires: Paidós, 2011.